

Trebaruna. Deusa da casa e da família na mitologia lusitana. Deusa da guerra e da morte. A esta deusa terá orado Viriato, símbolo maior da resistência lusa. Nesta deusa nos inspiramos. Apostamos no melhor da literatura nacional, nos autores por descobrir. Aqueles autores que ficam. Não nos interessa o mercado do *mainstream*, regido pelos *best-sellers*, os livros de rápida rotação e os escaparates comprados a metro. O trabalho com o autor move-nos. E só atendemos às necessidades do leitor exigente. Não seguimos o engenho ruminante que alimenta a indústria do livro. Prestamos culto ao livro. Trebaruna é o regresso ao essencial.

PEDRO M. R. CIPRIANO

A MENINA DOS DOCESES



Trebaruna

Janeiro de 2026

FICHA TÉCNICA

Título: A Menina dos Doces
Autor: Pedro M. R. Cipriano
Edição: Arlete Gomes
Revisão: Arlete Gomes e Patrícia Fernandes
Artista de capa: João Rodrigo Carvalho
Composição: João Bento

ISBN: 978-989-9331-26-6

Este livro foi composto pelos tipos:
Palatino Linotype e CoFo Raffine

©2026 Grupo Editorial Divergência
©2026 Pedro M. R. Cipriano
©2026 João Rodrigo Carvalho

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Grupo Editorial Divergência
Centro de Negócios de Ansião
Parque Empresarial do Camporês
3240-465 Chão de Couce
Portugal
Website: <https://divergencia.pt/>
E-mail: geral@trebaruna.pt
Telefone: 928 155 850

O Grupo Editorial Divergência e Edições Trebaruna são marcas da DNL Convergência, Lda.

Por opção do autor, este texto respeita o AO1945.

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.

A MENINA
DOS DOCESES

Agradecimentos

Ana Filipa Piedade, o meu apoio sempre presente em todas as fases do projecto.

Queria agradecer à *Sara Farinha*, *Ana Jesus*, *Carina Portugal*, *Agni Bethani*, *Alexandra Rolo*, *Ana Ferreira* e *Joana Alves* por me ajudarem a entender o universo feminino. Não estive presente no *Grande Aluvião* do ano 2012, por isso agradeço a *Ana Mouro*, *Daniel Lopes*, *Fábio Ferreira* e *Tiago Pinto* que me passaram as suas impressões pessoais do evento. *Abraão Moisés* pelas informações sobre o estado do tempo porque, em caso de dúvida, pergunta-se ao metereólogo de serviço.

As informações sobre escolas e sistema de ensino dos anos 90 foram-me dadas pela *Carla Soares* e *Miguel Martins*. À enfermeira *Carina Rangel* e à médica *Raquel Madaleno* por me darem algumas dicas de como se trata um paciente que poderá ter sofrido uma lesão cerebral. Ao *João Leitão*, *Hugo Cântara* e *Adão Coelho* pelas impressões e informações sobre a Tomografia Axial Computorizada.

Para além disso, as indispensáveis leitoras beta: *Ana Barbosa*, *Cátia Marques*, *Cláudia Andrade*, *Filipa Barros*, *Inês Gomes*, *Ivonne Zuzarte*, *Lia Torres*, *Liliane Calisto*, *Mariana Oliveira*, *Olinda P. Gil*, *Roberta Frontini*, *Silvana Martins* *Sofia Oliveira* e *Vera Neves*.

E, nesta nova edição, a editora *Arlete Gomes*, à revisora *Patrícia Fernandes* e ao designer *João Rodrigo Carvalho*.

Capítulo 1

Um arrepio subiu pela espinha de Mariana ao ver a casa. O aspecto do edifício fê-la duvidar se estaria no local certo. Absorta na construção, a jovem estudante mal ouviu o trancar da mala do carro.

— São quatro euros e trinta — anunciou o taxista.

Hesitante, virou a cabeça no sentido do condutor, retirando da carteira a quantia certa. O homem de meia-idade recebeu o dinheiro com má cara e voltou ao interior da viatura. Ela agarrou na mala e atravessou a estrada em direcção à moradia abandonada, tendo cuidado para não partir de vez as rodas desengonçadas.

Procurou o número da caixa de correio, em redor de tantas outras, comparando-o com as suas notas. O táxi arrancou, deixando Mariana com uma expressão oscilante entre incredulidade e desapontamento. *Era ali.*

Parada no estacionamento, ocupado com quatro carros, observou de novo o edifício. Quando lhe haviam dito que iria morar na casa do tio, imaginara uma pequena moradia nos arredores. A montra vazia da pastelaria, ainda com as decorações de papel intactas, foi o que mais a surpreendeu. Numerosas manchas de musgo conferiam diferentes tons de verde às paredes da fachada outrora branca. Num muro lateral, uma tentativa rasca de grafiti. Onde estivera um letreiro néon com o nome do estabelecimento, restavam apenas dois fios eléctricos pendentes. Os estores do primeiro

andar encontravam-se cerrados, uma grossa camada de poeira conferindo-lhes um tom acinzentado.

Procurou o telemóvel na mala, ligando para o último número usado.

— ‘Tou? Mãe? É só para avisar que já cheguei... Sim, correu bem... Sim, sim... Beijos, até logo! — Desligou, enfiando o aparelho no bolso.

Em passo lento, caminhou até à entrada lateral, arrastando a mala atrás de si. Abriu a bolsa de mão, retirando um molho de chaves. Observou o portão esverdeado, cuja tinta estava descascada em várias partes. Escolheu a chave mais pesada e volumosa, que lhe pareceu ser a mais acertada, porém esta entrou na fechadura e deu somente meia-volta. Chateada com o contratempo, largou a mala e usou as duas mãos para tentar destrancá-lo. Por mais força que fizesse, o canhão teimava em não rodar. As mãos ficaram vermelhas e doridas com o esforço.

Suspirou, contendo-se para não lhe dar um pontapé. Estava sozinha, quase sem dinheiro, numa cidade que não conhecia. Era a primeira vez que saía de casa, para tão longe sem os pais. Relembrou o primeiro dia de escola primária. Vira-se rodeada de crianças estranhas sem a protecção dos pais. Desatara a chorar. E agora, com os dezoito anos acabados de fazer, apercebia-se de que ainda não era independente.

Decidida a arranjar uma solução imediata para o problema, olhou para a vizinhança. Quase todos os prédios tinham dois ou três andares. Na maioria, à semelhança da moradia, tinham os rés-do-chão ocupados com estabelecimentos de restauração e pastelarias. O número de variados negócios que se anunciavam nos restantes pisos indicaram-lhe a zona em que viera parar.

Faltava um quarto de hora para o meio-dia. Não tardaria até que as ruas se enchessem de transeuntes em busca de almoço.

Despiu a camisola com gestos bruscos. Para além de tudo, estava calor. Era início de Setembro, as aulas começariam daí a pouco mais de uma semana. Prevendo que a casa precisasse de uma boa limpeza, quisera vir mais cedo. O aspecto exterior comprovava a fidelidade da sua intuição.

Sabia que a triste realidade de uma recessão económica fizera com que os seus pais não lhe pudessem pagar um apartamento. O pai foi o primeiro a propor este compromisso. Apesar de parecer o mais lógico, o resto da família pareceu-lhe um tanto reticente e nem genuínas promessas de ser responsável ajudaram. Só lhe concederam o uso do imóvel no último momento, quando soube que iria estudar na Universidade de Aveiro.

De olhar fixo na maçaneta, ponderou se deveria ligar à mãe. Ela saberia o que fazer nesta situação. Pegou no telemóvel, mas acabou por metê-lo na mala. Iria resolver o problema sem ajuda. Frustrada por ficar retida à primeira dificuldade, deu o pontapé que tanto desejava no portão. O som ecoou pela rua, fazendo um casal de velhotes olhar e abanar a cabeça.

Uma pequena racha atraiu-lhe a atenção. Era grande o suficiente para perceber que o portão não estava trancado. Ao olhar para as dobradiças secas e ferrugentas, entendeu o porquê da sua conclusão precipitada. Com esforço, empurrou-o. Este rangeu terrivelmente, mas cedeu. Iria tratar do problema à primeira oportunidade.

Um carreiro acompanhava a moradia em toda a sua extensão. Era tão estreito que seria difícil duas pessoas passarem lado a lado, para mais com o lado esquerdo limitado por um prédio. A quantidade de ervas daninhas que crescia por entre as rachas do betão e no canteiro lateral deixou-a desanimada. Não era uma fã de jardinagem, todavia, era-lhe desagradável ver aquilo em tal estado de abandono. Às tantas, ia precisar de três ou quatro dias para ter a casa apresentável.

— Credo, tanta coisa para fazer e ainda nem entrei em casa... — suspirou, desviando o olhar.

À medida que caminhava pelo carreiro, as ervas foram-se enrolando nas rodas da mala, retendo o seu avanço. Agachou-se e libertou-as o melhor que conseguiu. O raio das ervas secas estavam a pegar-se a tudo. Um par de metros à frente, prenderam-se de novo. Não esteve para meias medidas, deu um puxão, sem se importar se a mala aguentava. Acabou por arrastá-la sem cerimónias. Só esperava que o interior estivesse melhor.

O caminho deu num diminuto largo, ocupado por um jardim e rodeado de muros elevados. No meio da vegetação, havia um baloiço, verde como os seus olhos. Deu por si espedada, sem perceber porque se encontrava ali. Ao lado de uma diminuta árvore decrépita e bifurcada estava um sofá em avançado estado de decomposição. Um arrepio percorreu-lhe a espinha. Será que fazia parte do recheio? Será que a casa tinha sido ocupada por alguém? Ocorreu-lhe que se o portão estava aberto, talvez as portas também estivessem. Talvez já não houvesse sequer mobília no interior. Talvez tivessem levado tudo. O coração falhou-lhe uma batida. Não tinha dinheiro para comprar mobília nova ou o que quer que fosse.

Na pior das hipóteses, compraria um colchão insuflável e um saco-cama. Sempre era um plano.

Largou a mala e aproximou-se. A meio caminho, os olhos detiveram-se num preservativo usado, descobrindo que o pedaço de látex não estava sozinho. O uso que davam ao sofá ficou de imediato esclarecido. O estômago deu uma volta, obrigando-a a virar a cara. Teria de arranjar um meio de limpar aquilo, e depressa.

A única entrada fazia-se pela escada exterior. O estado era tão deplorável que nem o gradeamento oferecia segurança. Ao pisar a primeira pedra, sentiu o pé deslizar. Estremeceu com o susto, apercebendo-se de que o mármore estava descolado.

Ponderou se deveria entrar pela pastelaria. Deu um passo em frente, determinada a não se deixar afectar, concluindo que só iria adiar o inevitável. Bateu com o pé para testar o degrau. Nada cedeu. Testou cada degrau até ao topo, arrastando a mala. Alguma coisa havia de funcionar naquela casa. Endireitou a costas doridas em frente a outra porta.

Experimentou a porta de alumínio verde, confirmando que estava trancada. Exalou com ruído. No molho havia várias chaves que poderiam abrir a fechadura. A primeira que lhe chegou aos dedos não coube na ranhura. A segunda entrou, mas não rodou. Ao escolher a terceira, apercebeu-se de que já não se lembrava quais tinha tentado. Havia pelo menos uma dúzia e mais de metade tinham formatos semelhantes.

Respirou fundo e decidiu proceder de forma sistemática. Meteu-as por ordem e testou-as uma a uma, destrancando o canhão à quinta tentativa.

Abriu a porta, a luz do dia penetrou na divisão. Uma inexpugnável camada de pó cobria tudo. Sentiu os pêlos do corpo eriçarem-se. Uma bancada com lava-loiça embutido percorria dois lados do espaço rectangular. Ao centro havia uma mesa e podia ver-se um frigorífico, num dos cantos, com uma pequena televisão por cima. Um armário estava suspenso na parede. Ninguém ali pusera os pés durante mais de uma década.

Deu um passo para o interior e a poeira manchou-lhe as sapatilhas de cor clara. Carregou no interruptor, mas a luz não acendeu. Clicou outras duas vezes, obtendo o mesmo resultado.

— Só me faltava mais esta, não percebo como é que podem demorar mais de uma semana...

Quase a espirrar, abriu as duas janelas. O ar abafado de fim de Verão fluiu pela divisão, dispersando o ar estagnado. A luminosidade fez-lhe ver que a quantidade de sujidade era maior do que antecipara. Com um mau pressentimento, experimentou a torneira, descobrindo que também não havia água. Começava a acreditar que o universo guerreava contra ela. E estava a ganhar. Desistir é que estava fora de questão. A última coisa que precisava era do infame “eu avisei-te” da mãe.

Com uma careta, usou os ténis para abrir um espaço no centro da cozinha e pousar a mala. A quantidade de trabalho que se adivinhava encorajava a adiar as limpezas para a tarde. Como tinha acordado cedo, achou que era uma boa hora para ir almoçar, antes que os restaurantes enchessem. Tinha de encontrar um que fosse barato. Com o estômago cheio conseguiria enfrentar isto com outro ânimo. Virou-se para a porta, hesitando. Com um sorriso, constatou que o almoço podia esperar uns minutos, apetecia-lhe ver a casa primeiro. Da cozinha partiam duas portas. A do canto dava para uma despensa cheia de teias de aranha.

Capítulo 2

Passava pouco das duas da tarde quando Mariana atirou as compras para cima da mesa. Estava com calor. Estava cansada. Estava transpirada. O cabelo devia estar uma miséria, bastara um par de horas para odiar o característico vento de Aveiro. E ainda nem começara a limpar a casa.

Depois de varrer a cozinha com a vassoura encontrada na despensa, pegou no balde azul para o encher de água, esquecendo-se de que as torneiras não lhe responderiam. Deixou o balde no lava-loiça e pegou no telemóvel.

— Estou? Pai? Olha, as torneiras ainda não funcionam... O quê? Então... não era para ser hoje?! O quê?... Só para o fim da semana?! Tens a certeza?!... Pronto, se não dá, não dá... Não te preocupes, eu safo-me... Está bem, beijos para todos.

Desligou a chamada e devolveu o aparelho à mala. Pior do que não ter água durante três dias era não ter electricidade o resto da semana. Como é que iria carregar o telemóvel? A única coisa positiva era que não tinha comprado nada que precisasse de frigorífico. Todavia, não podia viver numa casa tão imunda até ao fim-de-semana. Só lhe restava pedir água aos vizinhos.

Em passo apressado, desceu as escadas, tentando libertar-se da frustração que fora o almoço. Escolhera o menu mais barato num restaurante da zona e o prato do dia arruinara-lhe por completo a dieta. Não entendia o motivo pelo qual as mulheres da família tinham tanta tendência a engordar, bastava uma sobremesa para ganharem logo uma centena de

gramas. Tentava manter o seu balanço calórico, mas sempre que saía de casa todo o plano nutricional caía por terra.

Olhou para a rua sem saber para onde se dirigir. Alguns prédios tinham um aspecto tão mau como o seu. Mesmo em frente havia um café aberto, de nome *Moliceiro*. O ar fresco do interior soube-lhe bem, os olhos demoraram um momento a habituar-se à diferença de luminosidade. A hora de ponta já passara e o estabelecimento estava às moscas.

— Boa tarde, será que me podia dispensar um balde de água? — pediu ao jovem que estava ao balcão.

— Claro, já te mostro onde podes encher — respondeu, com um sorriso, acrescentando em voz alta para a outra empregada — Ó Ana! toma conta aqui do balcão por um minuto.

Mariana seguiu o rapaz esguio de cabelo castanho-claro através da porta lateral até ao armazém.

— Podes encher ali — explicou ele, apontando para a torneira embutida numa das paredes.

Ela segurou o balde por baixo e abriu-a. O rapaz permaneceu a seu lado. Talvez estivesse ali para ter a certeza de que não mexia em nada, contudo, pelo canto do olho, notou o seu olhar persistente. Tentou disfarçar, mas um nervoso miudinho tomou conta dela. Lançou outro olhar, reparando que os olhos cor-de-avelã lhe observavam o decote.

A descontração com que o fez deixou-a zangada. Quis gritar com ele. Cerrou os maxilares e esperou que ele percebesse a mensagem. Ao mirá-lo dissimuladamente, descobriu que já não olhava para o seu peito. Tinha percebido a mensagem. Já podia relaxar. Com dois terços do balde cheio, fechou a água e virou-se para ele.

— Desculpa — murmurou o empregado, apercebendo-se que estava a bloquear o caminho.

Mariana não lhe respondeu, sentindo as bochechas a aquecer.

— Obrigada — agradeceu, encaminhando-se para a saída sem olhar para trás.

Enquanto esperava para atravessar a estrada, mirou-o de forma disfarçada. O rapaz tinha voltado ao seu posto e, quando

ela olhara para trás, ele virara de imediato a cabeça para outro lado. As feições de Mariana traíram um subtil sorriso, sabendo que o apanhara com a boca na botija.

Ao voltar a casa, pegou na vassoura e na esfregona, concentrando-se na sujidade. Para além do quarto cor-de-rosa e da cozinha, havia à direita a casa-de-banho, seguida de um quarto com uma cama de casal. A mobília de carvalho feita de linhas arredondadas e simples não era desagradável de todo. Com os anos, algumas destas peças acabavam por voltar a ganhar alguma beleza. À esquerda ficavam as escadas, tanto para o andar de baixo como para o sótão, que tinham ainda mais poeira que o resto. Ao lado havia um escritório, com estantes vazias, uma secretária de madeira maciça e duas cadeiras pretas reclináveis e com rodas. Como estava virada para sul e tinha uma grande janela sem prédios a bloquear a vista, a divisão recebia bastante sol e Mariana imaginou que, com um aquecedor, seria o local perfeito para estudar no Inverno. Em frente havia uma sala espaçosa, com uma pequena garrafeira de madeira ao canto esquerdo e um conjunto de três sofás de couro castanho, dispostos em meia-lua, virados para o móvel da televisão. Havia também uma mesa de mogno com seis cadeiras à volta, sobre a qual pendia uma toalha cuja tonalidade era escondida pela poeira. No outro canto havia uma estante, com meia dúzia de fotografias e recordações inúteis dadas nos casamentos dos anos noventa.

Desceu as escadas até ao quintal e atirou a água suja às raízes da árvore moribunda e regressou ao *Moliceiro*. O sorriso com que foi recebida relembrou-a do episódio anterior e quis voltar atrás. A hesitação durou um momento, durante o qual ele se apressou a abrir a porta.

— Eu sou o Rui — apresentou-se, a caminho da torneira.

— Mariana — respondeu-lhe, num tom seco.

Se ainda estivesse bem vestida, mas a roupa velha e gasta das limpezas não se prestava a grandes atenções. À excepção do decote.

— Então, como é que vão as limpezas?

— Vão bem, obrigada — respondeu-lhe, sem desviar os olhos do balde que se enchia demasiado devagar.

— Vieste morar por cima da antiga pastelaria ou vão reabrir o negócio?

— Vim só morar — confirmou, com um ar enfadado, tentando mostrar que não tinha paciência para perguntas de circunstância.

— Que idade tens?

— Dezoito.

Forçou um sorriso enquanto o encarava. Precisava mesmo daquela água e de mais uns quantos baldes para tomar banho. Não se conseguia imaginar a pedir água a este tipo durante três dias.

— Eu tenho vinte. Trabalho aqui no café durante os tempos livres. Vou agora para o terceiro ano de Engenharia Mecânica aqui em Aveiro. Entraste na universidade, não foi?

— Sim. Olha, desculpa, mas tenho de ir. Ainda tenho muito que fazer hoje para aquela espelunca ficar apresentável — respondeu-lhe, usando uma entoação mais ríspida do que gostaria.

Desta vez ele ficara a uma distância maior, e ela pôde sair à vontade. Ainda assim, Rui estava sempre demasiado perto, com os olhos pregados nela.

A cada passagem da esfregona ou pano, a casa ia ficando mais limpa. As limpezas funcionavam para Mariana como uma espécie de terapia ocupacional. Fazia-as de um modo tão automático que os pensamentos voavam livres. Era do hábito. Por mais voltas que desse, as ideias desaguavam sempre em Liliana. Não conseguia recordar-se de alguma vez lhe terem falado dela. A primeira explicação que lhe ocorreu foi que ela tivesse morrido de uma doença qualquer e ninguém quisera falar disso. Também podia ter sido uma adopção: ela crescera, encontrara a sua família verdadeira e deixara a família para nunca mais voltar. Talvez fosse só filha da ex-mulher do tio e as duas haviam desaparecido juntas. Por ela ter deixado tantas coisas pessoais para trás, nenhuma das hipóteses a satisfazia. E se ela tivesse sido expulsa de casa por alguma razão sombria?

Um pouco de cálculo mental indicou-lhe que as datas nas cartas podiam ser mais recentes que o divórcio. As

Capítulo 5

Liliana ocupava os seus pensamentos. Quis ler também a terceira carta, mas deteve-se, lembrando-se de que ainda tinha muito que fazer e não tardaria até o sol se esconder no horizonte. Devolveu o envelope à caixa, guardando-a no sítio onde o encontrara.

Achava estranho que tantas coisas da rapariga tivessem sido deixadas para trás. Voltou à limpeza do quarto ao lado. Ao contrário do cor-de-rosa, só recibos, talões e panfletos publicitários haviam ficado nas prateleiras. A sua intuição alertava-a para o facto de algo lhe estar a escapar. Entretida nas suas conjecturas, terminou a limpeza em menos tempo do que previra.

Foi até à sala, querendo ver como era Aveiro ao fim da tarde. Saiu pela porta de sacada para a pequena varanda. À parte de um gradeamento que aparentava ser mais sólido que o da escada e dois pares de vasos com ervas daninhas secas, o espaço estava vazio. Imaginou colocar lá um cadeirão de praia e tornar aquilo num local ideal para estudar nos dias mais quentes.

A hora do jantar aproximava-se e o movimento na rua diminuía. Esperara encontrar uma cidade barulhenta e congestionada, ficando feliz por se ter enganado. O vento aumentou de intensidade, agitando o seu cabelo encaracolado.

Voltou ao interior e fechou a portada para não gerar correntes de ar. A sua atenção foi atraída para o móvel da

televisão. A estrutura de madeira clara fazia lembrar uma cómoda, tendo um reproduzidor de videocassetes na prateleira superior. Mariana aproximou-se, com vontade de descobrir o que havia no interior da porta dupla que resguardava a parte de baixo. Meteu a mão no puxador e fez força, sem que a abertura cedesse mais que um par de milímetros. Agachou-se e deu um puxão com mais força. Quando o mecanismo destrancou, ela perdeu o equilíbrio e caiu. Deitou um olhar para o interior, ficando desapontada por encontrar apenas algumas cassetes.

— *Beethoven... Dennis, o Pimentinha... Aladino... Sozinho em Casa... Rei Leão... Exterminador Implacável...*

Não conhecia sequer metade dos títulos. Com o dedo afastou a abertura do leitor, curiosa com o mecanismo. Havia mais outra cassete no interior. Ao ler a parte visível do título, o queixo descaiu-lhe. *Casamento de Carla e António*. Decidiu ver o conteúdo daquela fita assim que tivesse electricidade, sem acreditar que nunca tivesse encontrado uma cassete dessas em casa dos pais.

Atordoada, deixou a sala. Ao entrar na cozinha, foi directa ao telemóvel, dando por si a escrever uma mensagem para o número que tinha no bolso. Surpreendida pelo acto falhado, atirou o papel para o lixo e o aparelho de volta para a mala. Irritava-a cair num galanteio fácil e barato. Ele devia dizer o mesmo a todas.

Olhou para o relógio e viu que já passava das sete. Decidiu terminar as últimas tarefas e ir depois jantar algures. Suspirou ao saber que iria comer novamente fora de casa. Não tinha escolha. A balança e a carteira seriam juízes implacáveis.

Apesar dos tapetes, lençóis e cobertores terem passado a tarde ao ar livre, tanto o aspecto como o cheiro pediam uma lavagem. Colocou esse monte de tapetes e afins no apêndice adjacente à cozinha, onde encontrara a máquina de lavar. Não se atrevia sequer a pensar nas carpetes que não conseguira tirar por estarem presas debaixo dos móveis. Fechou as janelas para o ar quente não sair e verificou, aliviada, que cheirava mais a lava-tudo do que a mofo.

Receou que não houvesse claridade suficiente para fazer a cama quando voltasse e não gostou de se imaginar a tratar

do assunto à luz do telemóvel. Pelo menos, ao contrário do que dissera a Rui, podia confiar que a bateria duraria dias. Em busca de lençóis suplentes, aventurou-se a abrir o armário do quarto cor-de-rosa. Uma mala escolar caiu sobre os mosaicos e parte do conteúdo espalhou-se no chão. Mariana olhou espantada para os livros. Eram todos do 10º ano e estavam quase novos. Abriu o de matemática e folheou-o. No interior da capa estava um nome completo e a turma, escritos numa letra redonda e cheia de floreios. Havia sido usadas canetas de várias cores. Liliana Carvalho. Carvalho, o apelido de solteira da mãe de Mariana.

Continuou a folhear o livro, atenta. Página após página, os exercícios haviam sido resolvidos, sempre com a mesma caligrafia cuidada. As margens das folhas estavam cheias de notas e *post-its* para ajudar ao estudo. De súbito, deu conta que as páginas seguintes estavam em branco. Percorreu mais umas quantas e depois saltou bastantes até chegar ao fim. Nenhum exercício fora resolvido e não havia mais notas na margem. Trocou aquele manual pelo de português, observando a mesma coisa. Confirmou o fenómeno nos restantes. Abriu também o porta-lápis, encontrando-o recheado com material quase novo.

Às tantas, a prima abandonara os estudos. Todavia, parecia-lhe estranho que uma aluna tão organizada deixasse assim, de um momento para o outro, os estudos. Será que Liliana teria morrido? Ou será que tinha simplesmente desaparecido, quem sabe até com a mãe, sendo essa a razão pela qual ninguém alguma vez lhe tivesse falado dela? As perguntas multiplicavam-se enquanto guardava tudo de volta na mala e a encostava ao um canto.

Ao olhar para o interior do armário, o coração apertou-se-lhe no peito. Grande parte do mistério se desfizera e a realidade atingiu-a como uma chapada. A roupa de adolescente estava toda ali, bem organizada e engomada. Uma mala cor-de-rosa fora ali deixada. Agarrou-a a medo, movida pela curiosidade de saber o que havia lá dentro. Debaixo de um mini-estojo de maquilhagem, uma escova, um perfume e umas luvas, encontrou um bloco de notas, um lápis e uma carteira. Passou-lhe os dedos por cima.

Sentiu um calafrio. Era como se estivesse a tocar na prima. Era uma típica carteira colorida, decorada sob o tema de um desenho animado que Mariana não conhecia. Estava tão recheada que parecia quase rebentar pelas costuras.

Recuou até à cama e abriu-a. A primeira coisa com que se deparou confirmou as suas suspeitas. Encontrara o bilhete de identidade e o cartão da segurança social de Liliana. Comparou a fotografia dos documentos com as que estavam nas molduras colocadas na escrivaninha. Tratava-se da mesma menina gordinha de olhos verdes e cabelo encaracolado. Nascera em 1981, portanto teria catorze anos quando escrevera as cartas. O nome do pai não deixava margem para dúvidas, Liliana era sua prima.

Mariana fitou a descoberta macabra. A hipótese de que Liliana poderia ter fugido de casa acabara de cair por terra. O silêncio e relutância familiar tornaram-se claros como a água, pois era de esperar que não falassem de quem já havia falecido.

Apesar de chocada com o desenlace, abriu as diversas divisórias da carteira. Para além dos documentos, havia uma panóplia de papéis, desde recibos de doces até bilhetes de idas ao cinema. Tudo organizado de modo impecável por datas e tipos. No interior havia uma nota de quinhentos escudos e algumas moedas, que deduziu ser uma grande quantia para uma adolescente dos anos 90.

Quando caiu em si, viu-se como uma profanadora de túmulos. Desconfortável com as implicações, guardou tudo onde encontrara. Num impulso, levantou-se, decidindo que já não iria dormir ali. Fechou a janela e trancou a porta. No fim de contas, preferia um quarto menos feminino a um túmulo. A casa causou-lhe uma sensação estranha. Pegou na mala e saiu para jantar, deixando que o ar fresco do fim da tarde a acalmasse. Apercebeu-se de que aquelas paredes lhe causavam arrepios, enquanto a cidade lhe trazia tranquilidade.

Ao caminhar até ao restaurante mais próximo, os pensamentos deram voltas e mais voltas, mas acabaram por se focar no mesmo assunto. Era como se tivesse saído do funeral da prima. Mesmo sem nunca a ter conhecido, só de ler as cartas

Capítulo 4

Como previsto, o autocarro chegou com mais de vinte minutos de atraso. O pai esperava-a à saída da estação. Um sorriso abriu-se ao ver aquele homem forte. Três dias era muito tempo para quem estava habituado a ver a mesma face corada todas as manhãs. Cumprimentou-o com dois beijos, arranhando-se na barba com um par de dias.

— Correu tudo bem? — perguntou-lhe, olhando-a desconfiado.

— Sim. Como é que está tudo por cá? — admirou-se com a reacção.

— Está tudo normal. Vamos, a mãe já tinha o almoço quase feito quando te vim buscar. A esta hora já deve estar farta de esperar — disse-lhe, encaminhando-se para o estacionamento.

Mariana seguiu-o em silêncio. Ao olhar para o relógio, viu que já passava mais de trinta minutos da hora em que costumavam comer ao sábado. Lembrou-se da videocassete. Visualizara-a no dia anterior, confirmando parte das suas suspeitas, mas ainda não sabia como abordar o assunto. O pai atirou a mala para a bagageira do *Clio* branco. Assim que trancou o cinto, o carro arrancou.

— O apartamento está em bom estado? — inquiriu, sem tirar os olhos da estrada.

— Sim, estava um pouco sujo, mas nada que não se resolvesse.

— Já tens água e luz? — prosseguiu, como se cumprisse uma obrigação.

— Sim, a água veio na quinta à tarde e a luz ontem de manhã.

— E a universidade? Já te inscreveste?

— Sim, fiz isso logo na quinta-feira. Segunda vão mostrar-nos o *Campus* e na terça o departamento. Pelo que me disseram, na quarta devem começar as aulas a sério.

Ele não respondeu, parecendo satisfeito com as respostas. Mariana deitou um olhar ao pai e outro à estrada. Inspirou fundo, antecipando a pior dos desfechos.

— Pai, fala-me sobre o tio Manuel.

— O que é que queres saber? — retorquiu, franzindo o sobrolho.

— Ele era o dono da casa?

— Sim, e ainda é! Para que fique bem claro, ele só cedeu o uso do apartamento, não é para mexeres em mais nada — devolveu-lhe num tom seco.

— Eu sei. Não fui sequer à parte da pastelaria. — Revirou os olhos.

— Ainda bem — completou, atento ao carro da frente.

— Onde é que o tio está agora? Não o vejo desde pequena.

— Ele foi morar para Almada. Abriu lá umas três ou quatro pastelarias e faz vida disso. Teve sorte de aprender o ofício quando era ainda mais novo que tu.

Mariana sentiu as mãos suar. Entrelaçou os dedos para não denunciar o nervosismo. Odiava que lhe atirassem à cara que ainda não trabalhava.

— E a minha prima? — disparou Mariana, observando a reacção do pai.

— Qual prima? — questionou, arregalando os olhos.

— Liliana, a filha do tio Manuel.

— Eu nem sabia que ele tinha uma filha... — gaguejou, não ousando que os olhares se cruzassem. — Pergunta à mãe, eles são irmãos. Ela deve saber melhor...

Mariana olhou-o surpreendida. A mentira atingiu-a como um raio. Apeteceu-lhe gritar com ele. Como é que poderia achar que a enganava assim? Merecia que lhe atirasse isso à cara. Acalmou-se, decidindo não dizer nada.

Demasiado chocada para manter uma conversa, o resto da viagem decorreu em silêncio. O que é que se terá passado? Será a existência da prima um segredo só do tio? Talvez uma filha ilegítima. Não fazia sentido. Nada batia certo. O pai não pareceu perceber, o que não a surpreendia.

Ao chegar a casa, teve de forçar um sorriso para não deixar a mãe preocupada. A trintona volumosa esperava-a à porta e quase a esmagou num abraço.

— Como estás, filha?

— Estou bem — garantiu, dando-lhe dois beijos.

— Não sei não, pareces-me um bocado estranha — comentou, ao observá-la com mais cuidado.

— Não é nada, mãe.

— Andas a alimentar-te bem? — inquiriu, com um olhar desconfiado.

— Sim...

— Tens dormido o suficiente?

— Sim! Ó mãe, pára lá com isso que eu já sou crescida o suficiente para tratar de mim — exasperou-se, levantando a voz, saturada com o interrogatório materno.

— Ó filhinha, eu só pergunto porque me preocupo contigo.

— Eu sei, mãe! — admitiu, esforçando um sorriso.

— Pousa as tuas coisas aí que o comer já está na mesa — sugeriu, voltando-se depois para o marido. — Estava a ver que nunca mais chegavam. Se eu não tivesse abafado o comer, agora comiam tudo frio.

Entraram juntas na cozinha, encontrando o pai já à mesa. A avó chegou enquanto Mariana lavava as mãos. Já as batatas fritas tinham sido divididas pelos pratos quando ela se sentou. Ao ver as costeletas de porco, ensopadas em óleo da fritura, serem distribuídas, quase lhe apeteceu saltar a refeição. Depois de três dias alimentada em restaurantes e com comida rápida de supermercado, nem queria saber o que a balança tinha para lhe dizer, quanto mais agravar a situação.

Mexeu e remexeu com o garfo, brincando com a comida, enquanto eles atacavam o manjar. Contudo, bastou um olhar

inquisidor da parte da mãe para findar a hesitação. Engoliu garfada após garfada só para não ter de suportar um ralhete. A refeição prolongou-se por uma dolorosa meia-hora. O momento era sacramental para a família. Ninguém estava autorizado a deixar a mesa, qualquer que fosse o motivo. Para a sobremesa, havia um pudim de caramelo preparado pela mãe. O aspecto delicioso do doce não a deixou recusar a sua parte. A luta diária contra as calorias tornou-se numa derrota desastrosa.

Assim que terminaram, a avó foi deitar-se no sofá da sala a ver televisão. Pouco depois, o pai saiu para tratar de uns biscates de fim-de-semana, um suplemento ao ordenado. Mariana decidiu ajudar a mãe a lavar a loiça para poderem conversar, ansiosa por saber o que o pai não lhe quisera contar.

— Mamã, fala-me sobre o tio Manuel — pediu, enquanto passava um prato por água.

— O teu tio vive e trabalha em Almada... — respondeu-lhe, como um autómato.

— Eu sei. Ele foi casado, não foi?

— Foi, mas a mulher era uma vadia e fugiu com outro — explicou, deixando passar um ligeiro tom agressivo.

— Ah! Então foi por isso que se divorciaram?

— Sim — confirmou, passando-lhe a tigela onde estivera a salada.

A mãe falava pelos cotovelos e Mariana não estava habituada a que ela abandonasse uma conversa assim. Passou o vasilhame azul por água, procurando um meio de desbloquear a conversa.

— E a filha dele?

Houve um segundo de hesitação por parte da mãe, cuja face se contorceu numa expressão semelhante à de dor.

— Qual filha? — debitou, num falso tom de surpresa.

Mariana imobilizou-se, fixando-a nos olhos. A mãe devolveu-lhe um olhar de incompreensão. Quis atirar ao chão o que tinha na mão. Já tinha sido mau o pai ter-lhe mentido e não iria deixar que a mãe lhe fizesse o mesmo.

— A Liliana, eu encontrei as coisas dela na casa — confrontou-a, largando o prato no lava-loiça.

trouxera de casa. Aquela planta no parapeito da janela ajudava a tornar a casa muito mais acolhedora. Comeu à pressa, sabendo estar um pouco atrasada. Quando acabou, deixou a taça e a colher no lava-loiça e, dois minutos depois, estava a acabar de esfregar os dentes. Calçou-se num ápice e saiu.

Em passo apressado, precisaria de um quarto de hora para chegar à universidade. Podia apanhar um autocarro, mas não queria desperdiçar o parco orçamento em módulos de transporte.

A sua característica favorita da cidade era a tranquilidade. Já lhe haviam dito que as aparências iludiam e que alguns bairros não eram seguros. Depois de se informar melhor, decidiu evitá-los. Havia árvores nos passeios e mesmo as zonas mais antigas, apesar de desleixadas, tinham a sua harmonia. Em especial, sentia-se atraída pelos moliceiros coloridos, nos quais gostaria de dar uma volta se o preço não fosse tão abusivo.

Atravessou a passeadeira em frente ao Hospital Infante D. Pedro e entrou no *Campus* de Santiago. Passou por entre as sebes e seguiu pelo passeio, passando em frente aos vários departamentos. Era uma caminhada que lhe agradava imenso, imaginando a quantidade de calorias que queimava. Passou em frente à reitoria e entrou no caminho abrigado em forma de «U» alongado, em frente a vários edifícios.

Parou em frente ao primeiro. O nome estava colado na entrada envidraçada: *Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial*. Era o seu departamento e a sua esperança de vir a conseguir um emprego. Ainda lhe vinha um nó à garganta ao pensar que preferia ter seguido algo um pouco mais artístico, se bem que, em tempos de crise, eram necessários sacrifícios, e os sonhos pessoais não eram excepção.

Havia pouco mais de uma dezena de alunos à espera. O relógio indicou-lhe que estava dez minutos atrasada. Contudo, não havia sinais dos colegas trajados que lhes iriam mostrar o local e, por um momento, teve medo de ter chegado demasiado tarde. Não quis falar com ninguém. Começou a andar para trás e para a frente. Como é que iria dar a volta à situação? Ponderou se deveria entrar e procurar. Cinco minutos depois,

apareceram os primeiros trajados e só então é que reparou que a maior parte dos alunos estava ali à volta. Sentiu-se ridícula por ter entrado em pânico com tanta facilidade.

Foram encaminhados para o anfiteatro do rés-do-chão. Ao entrar, arrepiou-se com o ar gelado que emanava do interior. Será que não sabiam regular o ar condicionado? Sentou-se a meio e, uns momentos depois, deu-se início a uma apresentação sobre o departamento e os cursos. O caderno que retirara para apontamentos começou a encher-se de desenhos de caras. Nem dez minutos tinham passado e já estava aborrecida.

Num dos *slides* mais longos, virou-se para a rapariga ao lado.

— Olha, sabes se isto ainda demora muito? — perguntou em voz baixa.

— Não sei, mas espero que não, senão adormece toda a gente — respondeu-lhe a colega de cabelo liso.

Procurou concentrar-se, mas, por ser conteúdo que sabia de cor muito antes de escolher o curso, a dificuldade era acrescida. Quis convencer-se de que era uma aluna aplicada e que não se podia dar à preguiça logo no primeiro dia. Sentiu um toque no ombro.

— Olha, eu sou a Inês, e tu? — apresentou-se a rapariga.

— Sou a Mariana — devolveu, vendo um sorriso na cara da colega.

— Sou de Gaia, perto do Porto, e tu? — prosseguiu, ignorando o orador.

— Sou do município de Mangualde... perto de Viseu.

— Entrei em Gestão!

— Eu também!

A conversa foi premiada com um olhar duro por parte do interlocutor. Ao ver-se no indesejável centro das atenções, Mariana colocou o indicador sobre os lábios, terminando a conversa. Enquanto os seus pensamentos vagueavam entre a apresentação e os acontecimentos dos últimos dias, lembrou-se subitamente do conteúdo da cassete, perdendo-se no novelo emaranhado das hipóteses. Não prestou atenção ao restante falatório.

Depois da palestra, deram uma pequena volta pelo edifício antes de serem dispensados. À saída, os veteranos reuniram-nos e anunciaram que, no dia seguinte, haveria praxe à tarde. Deram-lhes uma lista de material obrigatório e disseram-lhes para estar em frente ao edifício às três horas. Mariana encaminhou-se para a cantina.

— Olha, queres ir almoçar comigo? — perguntou-lhe uma voz familiar atrás de si.

Virou-se. Era a colega de cabelos lisos e olhos claros que conhecera naquela manhã.

— Ei, Inês, claro que sim! — aceitou, enquanto um sorriso lhe iluminava a face.

— Não te importas de ir à cantina mais nova? É que nesta aqui não servem prato vegetariano.

— Não me importo nada, já me disseram que a comida lá até é melhor. Espera lá, és vegetariana? — Franziu as sobrancelhas.

— Sou sim, se quiseres eu explico-te as razões um dia destes — prometeu, pousando-lhe a mão no ombro.

— Sim, gostava muito de saber — apreciou, com inveja, a figura esguia da colega.

Caminharam na direcção de um edifício branco, cujo formato lembrava um quarto de queijo.

— Então... que tal estes primeiros dias? Estás a gostar da universidade? — disparou Inês, sem deixar passar um único minuto de silêncio.

— Estou. Não é tão boa como me fizeram crer, mas também não estava à espera que fosse. Já se sabe que não nos podemos fiar por completo na propaganda. Acho que para o que é, serve — disse Mariana, imprimindo um tom dúbio às afirmações.

— Eu ainda não sei o que achar, sabes? Entrei na segunda escolha. Eu bem tentei mentalizar-me de várias coisas, mas a verdade é que o factor psicológico está a impedir-me de apreciar como deveria — queixou-se, sem parecer muito afectada.

— A sério? Onde querias entrar? — inquiriu Mariana, mais por curiosidade do que por simpatia.

Capítulo 6

Mariana olhou incrédula para a folha de papel que repousava sobre o caderno cheio de rabiscos nas margens. Comparou de novo com o exame de Inês. Havia tirado a mesma nota.

— Por esta é que não esperava! Eu que nunca fui nenhuma barra a matemática. E, ainda por cima, a matéria pareceu-me um pouco difícil — comentou Inês, com um enorme sorriso.

— Digo-te o mesmo. Um quinze será uma boa nota? — inquiriu, enquanto guardava o material na sacola.

— Estás a brincar? A maior parte das pessoas nem positiva tirou. Minha filha, isto é Cálculo, a percentagem de chumbos é astronómica! — respondeu-lhe, inclinando a cabeça e repetindo o seu habitual gesto teatral.

— Mas não te esqueças que é só o primeiro mini-teste e ainda temos mais cinco. Isto sem contar com os módulos e com os dois exames.

— Não te preocupes e estuda para um de cada vez. Nestes mini-testes, só os três melhores contam para nota — lembrou Inês, levantando-se.

— Sim, só que me fartei de estudar para este. Não sei como me vou aguentar com o resto das cadeiras — lamentou-se Mariana, seguindo a amiga.

— Não te preocupes, esta é a mais difícil. O meu primo disse que o resto se faz na boa — sorriu e abandonou a sala.

— Olha, experimentei as receitas que me deste no outro dia e aquilo ficou mesmo muito bom — elogiou Mariana,

quebrando o silêncio uns momentos depois, enquanto desciam as escadas.

— Posso arranjar-te mais se quiseres. O que é que fazes hoje à noite?

— Não sei ainda...

— Queres sair e comemorar o nosso primeiro sucesso universitário? — propôs Inês, piscando-lhe o olho.

— Não sei. Não estou muito habituada a sair.

— Mas é quinta-feira! — parou e virou-se para Mariana. — Toda a gente sai na quinta-feira à noite.

— Pois, não sei...

— Uma vez não são vezes, e eu também não quero voltar tarde.

— E depois como é que aguento as aulas amanhã? — argumentou, com um fio de voz.

— Fazemos assim, vamos jantar e depois vamos dar só uma volta pela Praça. À meia-noite voltamos para casa. Que dizes?

— OK, só porque tirámos uma boa nota — suspirou.

— Então fica combinado. Que dizes de nos encontrarmos no Ramona às oito e meia?

Mariana concordou e despediu-se de Inês, com um abraço.

Chegada a casa, viu-se com duas horas livres para ocupar. Atirou a sacola para cima da cama, lembrando-se vagamente dos *slides* impressos que deveria estudar. Foi até à sala, ligou o leitor de videocassetes e a televisão. Rebobinou a fita até ao início, tentando ignorar o incrível barulho gerado pela geringonça.

O filme começava com uma missa de casamento na igreja da sua paróquia. Lembrava-se do padre. Mais do que isso, reconhecia os noivos no altar: *eram os seus pais*. Da primeira vez que visualizara a gravação não acreditara que pudessem ser. Para além do autocolante na cassete assim o ditar, pudera confirmar pelo álbum de família. À medida que a cerimónia prosseguia, Mariana questionou-se como é que nunca encontrara tal gravação em casa. À saída da igreja,

Liliana era uma das que atirava arroz aos noivos. Não havia qualquer dúvida, aquela figura rechonchuda e o longo cabelo encaracolado eram inconfundíveis. O sorriso tímido de menina causava-lhe uma sensação estranha no estômago. Era com aperto no coração que a via, e o fascínio que Liliana exercia sobre ela impelia-a a continuar. Já perto do fim, toda a família apareceu no ecrã, confirmando-lhe a tese.

Porque é que não havia fotos nenhuma de Liliana no álbum de família?

Desligou os aparelhos, determinada a descobrir porque é que os pais não tinham uma cópia da gravação do seu próprio casamento. Correu para o quarto cor-de-rosa, recordando-se da ideia que tivera durante o fim-de-semana e que ainda não tinha colocado em prática. Decidiu começar pela escrivaninha, abrindo todas as gavetas e portas. Vasculhou por entre os objectos, arrumados de um modo impecável, procurando deixá-los onde os encontrara. Percorreu o armário de ponta a ponta e terminou na cómoda. Ao abrir a gaveta da roupa interior, soube que havia chegado ao sítio certo. Enfiou os dedos pelo meio das peças, tacteando o fundo. Sentiu uma textura diferente e arrepiou-se. *Sorriu*. Encontrara o que queria. Fincou os dedos no objecto e puxou-o, revelando um diário decorado com um padrão floral.

A alegria durou até perceber que o cadeado estava trancado. Ao ver as horas no telemóvel, descobriu que só faltavam cinco minutos para a hora combinada com Inês. Deixou o achado sobre a escrivaninha, ao lado da caixinha, tomando uma nota mental para procurar a chave mais tarde. Agarrou na mala e saiu em direcção ao famoso restaurante estudantil de comida rápida.

Quando entrou, viu Inês sentada numa das mesas e juntou-se a ela. A amiga tinha trocado as calças de ganga por uma saia preta travada, pelo joelho. Também nunca lhe tinha visto aquela camisa branca. Ao reparar que a colega estava mais maquilhada do que o normal, não pôde evitar sentir-se inferior.

— Esperaste muito?

Capítulo 7

Bateram à porta.

— Está aberta — anunciou Mariana, sem levantar os olhos dos apontamentos.

O som das dobradiças fê-la desviar o olhar do caderno. Viu a avó à entrada. Aquela septuagenária viúva coberta de rugas era a anciã da família. Apesar da sua expressão amigável, era graças à sua língua afiada e coragem para contar as verdades que resolvia muitos problemas do clã.

— Olá, *vóvó*. Está tudo bem?

— Comigo está, só que já não sei se posso dizer o mesmo de ti — respondeu-lhe, sentando-se na cama.

— Não estou a perceber... — admirou-se, abandonado as suas notas.

— Ó Mariana, não precisas de fingir. Eu só quero conversar contigo e prometo que não conto nada aos teus pais.

Olhou para a avó desconfiada. A memória levou-a a um sábado soalheiro dos seus quinze anos. A mãe estava a trabalhar nesse dia de meados de Julho e, como era normal nas férias, fora almoçar a casa dos avós.

— *O que é que vais fazer hoje à tarde?* — inquirira a avó, entre duas garfadas de arroz.

— *Vou dar uma volta com os meus colegas até à praia fluvial..., mas não diga nada à mãe, que eu não lhe pedi autorização* — confessara, sem tirar os olhos do prato.

— *Vai lá que eu não lhe digo nada* — prometera a idosa cúmplice.

Quando chegou a casa, a mãe esperava-a na cozinha.

— *Porque é que foste à praia sem me pedir autorização?*

Mariana nunca conseguira perdoar aquela traição.

— Claro 'vó, o que é que a preocupa? — inquiriu, forçando um sorriso.

— Eu notei que estás mais magra. Às vezes não comes tudo o que a mãe te mete no prato. Se calhar devíamos ir ao médico para ver se está tudo bem contigo...

— Ó 'vó, não se preocupe, estou só a fazer dieta — explicou, encolhendo os ombros.

— Mas, Mariana, tens de te alimentar...

— Eu sei, eu sei, só não quero ser tão gordinha. Está tudo sob controlo! — respondeu-lhe, levantando um pouco a voz.

— É que farto-me de ouvir na televisão aquelas reportagens sobre essas doenças que as raparigas que têm a mania de emagrecer apanham... — justificou-se a avó, com uma expressão triste.

— Não tem nada a ver! Eu sei o que estou a fazer e, como pode ver, ainda nem sequer estou magra.

— É mesmo por isso, Mariana, as raparigas das reportagens também reagiam assim — afirmou, com um fio de voz.

— Eu só me quero sentir bem comigo mesma.

— No meu tempo, gordura era formosura... — lembrou, com o seu tom de voz normal.

— Isso já não está na moda! — interrompeu-a Mariana.

— Ouve, Mariana, não podes meter essas parvoíces à frente da saúde — impôs, levantando a voz.

— Avó, pare! Eu alimento-me bem e como em todas as refeições — retorquiu Mariana no mesmo tom, levantando-se.

— Ainda hoje ao almoço mal tocaste no bife — defendeu, arregalando os olhos.

— Não reparou que eu comi a salada quase toda sozinha?
— protestou, levantando a voz.

— A salada não alimenta, tens de comer de tudo... —
argumentou, ainda mais alto.

— A carne faz mal e causa doenças...

— Não digas disparates, já os meus avós comiam carne e
não morreram por causa disso.

Mariana mordeu o lábio inferior e não lhe respondeu. Não percebia como é que não conseguiam associar a principal causa de morte na família, as doenças cardiovasculares, ao consumo excessivo de carne. Respirou fundo e sentou-se ao lado dela, preparando-se para o sermão que anunciava a expressão séria da idosa.

— Sabes, eu acho que esses colegas novos da universidade te andam a meter coisas na cabeça. Eu vejo as notícias e sei como eles são. A maior parte vai para a universidade para apanhar bebedeiras e fazer outras coisas das quais nem vale a pena falar. Tu és diferente. Foste bem educada pelos teus pais e tens de ser responsável. Não lhes dês desgostos. Sabes que eles fazem muitos sacrifícios para tu estudares. Não é para te perderes. Eu não vou dizer nada aos pais para não os preocupar, mas vais ter de me prometer que deixas essas ideias sem sentido. Tu tens é de estudar para seres alguém na vida. Os filhos são para dar alegrias aos pais, e, ainda por cima, és filha única. No meu tempo, nós fartávamo-nos de ajudar os pais, mesmo sabendo que nunca poderíamos ir estudar. Ouve bem, Mariana, que é para teu bem...

— Está bem, avó, eu vou estudar e deixar-me destas coisas — suspirou, olhando a anciã como se esperasse por mais.

— Era isso que eu queria ouvir, Mariana — alegrou-se, apertando-lhe a bochecha e dando-lhe um beijo molhado.

Ela teve de se controlar para não limpar de imediato a cara. Detestava que a tratassem como se tivesse dez anos. Às vezes, parecia que a família tinha parado no tempo.

— Avó, espere aí. Há uma coisa que gostava de lhe perguntar — pediu, quando a viu prestes a levantar-se.

— Pergunta, que eu respondo ao que souber — prometeu a velhota, mais relaxada.

Capítulo 8

Mariana convidara Inês para lanchar.

— Tens aqui uma senhora casa, e toda só para ti, sim senhor... — comentou a amiga, agarrando no frasco de compota.

— Que é grande, tenho de concordar. Nem imaginas o trabalho que tive para a limpar. Demorou mais de uma semana! Isto esteve abandonado mais de quinze anos. Era tanta poeira que nem se via a cor do chão.

— Ai que horror! — admirou-se, levando a mão à boca. — Epá, isto agora até está com bom aspecto!

— Sim, depois de eu a limpar ficou boa. Se bem que ainda não terminei, há móveis que nunca mudei e nem quero imaginar o que há por baixo. Por outro lado, tive sorte, os electrodomésticos podem ser da idade da pedra, mas ainda funcionam. O meu pai previu que podia ter problemas com a instalação eléctrica, só que, até ver, ainda não aconteceu nenhum desastre.

— Suponho que não me chamaste aqui para falar do estado da casa. O que é que te apoquenta, fofa? — interrompeu-a, tocando-lhe ao de leve no ombro com as pontas dos dedos. — Foi aquele rapaz do bar? Não me digas que ele te convidou para sair?

— Tens cá uma piada! — respondeu-lhe Mariana num tom seco, corando de modo ligeiro. — Antes fosse, são problemas familiares e não faço a mínima ideia do que fazer.

— Oh! Já podias ter dito, as amigas são para isso mesmo. Qual é o problema? — Endireitou-se de súbito.

— A minha família mentiu-me! — revelou de forma abrupta.

— Ah! Não pode! — Escondeu a parte inferior da face com a mão. — Porque é que eles fizeram isso?

— Para me proteger, acho...

— Que tipo de mentira foi? É que há mentiras e mentiras, né? Os ingleses chamam *white lies* às mentiras inofensivas que todos fazemos no dia-a-dia. Foi uma dessas? — questionou, inclinando-se para a frente.

— Não acho que seja. Tem a ver com a minha prima. Eu perguntei-lhes sobre ela e eles fizeram de conta que nem sequer existia — confessou, sentindo o coração a acelerar, ao relembrar o quão chateada estava.

— Se calhar não existiu mesmo...

— Aí é que está o problema, há provas de que existiu! Ela viveu aqui! — declarou, num tom agressivo. — Anda comigo que eu mostro-te — prometeu Mariana, acalmando-se de súbito.

A amiga seguiu-a até à entrada da divisão cor-de-rosa.

— Este era o quarto dela — explicou, abrindo a porta.

As paredes reflectiam a luz daquele fim de tarde, espalhando tons de rosa um pouco por todo o lado, criando uma sensação estranha e acolhedora.

— Wow, que quarto tão giro! — comentou, deixando o queixo descair.

— É, não é?

— Dormes aqui?

— Não, credo! Durmo no outro, ali ao lado. — Estendeu o braço na direcção da escrivaninha. — Olha as fotografias.

Havia três molduras no móvel. Na primeira, estava uma menina de dez anos rechonchuda de vestido branco com uma vela na mão. Tinha o cabelo encaracolado, pelos ombros, e uns bonitos olhos verdes. O sorriso traía-lhe a falta de um dente. Na foto seguinte, estava a mesma rapariga, desta feita já adolescente e com um vestido azul-claro, abraçada a um homem de meia-idade. Continuava gordinha, as bochechas rosadas e o cabelo ainda mais comprido.

— Este senhor é o meu tio, fui obrigada a confirmar pelos álbuns de família, porque só o vi pessoalmente umas duas vezes quando era pequena e nem me lembro disso.

Na última foto, estava Liliana de óculos de sol de plástico, com umas calças de ganga e uma *t-shirt* azul. Tinha mais ou menos a mesma idade que na foto anterior e estava entre um casal idoso.

— Estes são os meus avós, há uns dezasseis ou dezassete anos. Precisas de mais provas?

— Bem, isto é muito estranho! A rapariga é muito parecida contigo — comentou Inês, partilhando o olhar entre as fotos e a amiga. — Também não consigo perceber porque é que eles haveriam de querer esconder isto.

— É estranho, não é?

— Era mesmo filha do teu tio?

— Sim, pelo que consegui apurar, ela continuou a viver com o meu tio depois de ele se divorciar.

— Isto é realmente muito esquisito! Como é que descobriste essas coisas todas?

— Através desta caixinha — apontou.

Com solenidade, abriu a pequena caixa e passou-lhe a primeira carta.

— Bem, tem data e tudo. Não faz sentido eles esconderem-te isto — comentou Inês, depois de ler a carta num ápice.

— Eu tenho uma ideia, mas não explica tudo. Eles queriam poupar-me ao luto, pelo que me constou, ela morreu quando tinha quinze ou dezasseis anos. Disseram-me que foi uma doença súbita e o que sei acaba aqui.

— Faz algum sentido, só que me parece que te está a falhar qualquer coisa — deduziu Inês, deitando-lhe um olhar desconfiado.

— Também a mim!

— As outras cartas são do mesmo género?

— Sim, pelo menos as que estavam na caixa — encolheu os ombros.

— Mas?

— Desconfio que haja mais — revelou, pensando no diário.

Capítulo 9

Uns minutos antes da hora marcada, já Mariana e Inês se encontravam em frente à cantina velha, junto aos colegas de curso. A primeira coisa que lhe explicaram foi a função do saco do lixo. Feitos dois furos para os braços e um para a cabeça, convertia-se num impermeável.

— Só espero que não chova durante o dia — comentou Inês, ajeitando-lhe o saco.

— Também espero. Não acredito que isto me proteja grande coisa — duvidou Mariana.

Ao pescoço, colocou o acessório mais estranho: um punhado de gramão enfiado dentro do preservativo que lhe haviam dado na inscrição. O edital referira que era necessário *Eremochloa ophiuroides* numa quantidade de gramas equivalente ao número de ECTS a que Miguel Relvas tivera equivalência. Só após uma busca na internet é que ficara claro o que era preciso fazer. As outras coisas obrigatórias incluíam uma senha de cantina, uma lanterna com pilhas, o cartão de estudante provisório e o número mecanográfico escrito nas sapatilhas.

— Vamos entregar os alimentos? — propôs um rapaz franzino e cheio de acne.

O grupo assentiu e, seguindo as indicações dos trajados, os estudantes com mais do que uma matrícula na universidade encaminharam-se para os carrinhos de supermercado, dispostos em linha à entrada da Reitoria. Enquanto esperava na fila, Mariana bocejou. Ficara até tarde a ler o livro que Inês lhe emprestara. Quando chegou a sua vez, entregou o

ovo fresco identificado, um euro, um enlatado, um pacote de leite, um pacote de bolachas Maria e esparguete. Aquilo custara-lhe uma nota preta, como costumavam dizer os pais. Lá se ia a poupança para começar a praticar zumba através da associação académica. Precisava de se manter em forma e pagar um ginásio era ainda mais caro.

Entregues os produtos destinados a obras de caridade, voltaram ao mesmo sítio. Os colegas mantinham uma conversa animada, mas Mariana não conseguia deixar de pensar nas cartas que havia lido. Faltava-lhe bastante para terminar, mas já percebera que a sua vida tinha muito em comum com a de Liliana. A maior diferença fora na data de nascimento. O sino da igreja ali ao lado, assinalando as nove horas, trouxe-a de volta à realidade.

— Então e a garrafa de litro e meio de água? — perguntou uma rapariga tão alta e magra que lhe chamavam Bétula.

— É para ires bebendo durante o dia. Mesmo assim és capaz de ficar afónica de tanto gritar — respondeu-lhe Inês, sem perder outra oportunidade de mostrar que sabia o que se iria passar.

Os estudantes com mais matrículas estavam quase todos vestidos a rigor para a praxe. Por aqui e por ali, agrupados por cursos, socializavam, alegres com o motivo para faltarem às aulas. Alguns trajados tentavam impor alguma ordem naquela confusão, só o conseguindo à força de ameaças e do poder que um saquinho de sal preso à lapela lhes conferia. Mariana preferia estar nas aulas. A praxe parecia-lhe uma perda de tempo. Não percebia como é que havia quem gostasse tanto. Só ia porque Inês a convencera.

Passou um quarto de hora antes de conseguirem colocar os caloiros em filas organizadas por cursos, dando início à praxe geral, conhecida por Grande Aluvião. O representante da faina, o Mestre Salgado, deu-lhes umas breves palavras. Depois, foi criada uma fila enorme, ficando os caloiros aos pares. Os dois primeiros de cada curso transportavam uma faixa que os identificava. De modo lento e arrastado, dirigiram-se à Meia-Lua, a pequena construção em formato de anfiteatro

que existia entre os departamentos de Química e Design. Incitados pelos respectivos veteranos, iniciou-se uma guerra sonora entre os cursos rivais. Mariana juntou a sua voz aos colegas, esforçando-se por não atrair as atenções.

Apesar de ter ficado um pouco mais descansada com o início ameno, as coisas que lhe haviam contado ainda a deixavam um bocadinho receosa. As praxes do seu curso eram duras e bastante maldosas, contudo, por ser a mais importante de todas, esta tinha uma estranha aura associada.

— Bolas, nunca mais chegamos lá à frente! — queixou-se Mariana, depois de meia de hora de espera.

— Chiu! Olha que depois sofremos mais — avisou-a Inês, olhando em volta para verificar que os trajados não estavam a ouvir.

À medida que o tempo passava, sentiu o medo transformar-se em aborrecimento. Os veteranos obrigaram-nos a repetir as canções que haviam aprendido nas praxes vezes sem conta e a plenos pulmões. Após meia-dúzia de canções, já tinha dado uso à garrafa de água. Ponderou que consequências haveria se deixasse aquela parvoíce e fosse às aulas.

Ainda demorou um bom bocado até chegar à Meia-Lua. Assim que lá entrou, já quase afónica, a percepção do ambiente mudou por completo. A temível Salgadíssima Trindade estava no centro, acompanhada pelo conselho do Salgado, os trajados com o saquinho de sal na lapela. O Mestre Salgado, reconhecível com facilidade pela gigante pá de madeira que trazia sempre consigo, fez outro pequeno discurso sobre o significado do dia, sem acrescentar nada ao que Mariana já sabia. Pareciam papagaios, sempre a repetir as mesmas coisas.

Mariana deitou um olhar ao céu, percebendo que o estado do tempo piorara. Achou caricato estar com mais medo da chuva do que da praxe.

Os outros dois elementos da Trindade falaram também e depois procedeu-se à apresentação dos cursos. À medida que a sua vez de ir para o centro se aproximava, o seu coração ia acelerando e uma sensação de desconforto apoderava-se dos intestinos. Ver os castigos quase aleatórios que calhavam

a alguns não ajudava em nada. Enquanto Gestão descia a escadaria, o peito de Mariana pulsava descontrolado. Ao ver-se observada por tanta gente, uma sensação de insignificância apoderou-se dela. Desviou o olhar para o céu. A Trindade limitou-se a pedir-lhe para cantar o que lhes fora ensinado pelos mais velhos. A repetição prévia ajudou-a a debitar a canção sem pensar muito. E tudo terminou tão rápido como havia começado. Quando voltaram aos degraus cinzentos, Mariana notou que esforçara demasiado a voz.

Depois de outro compasso de praxe psicológica, pouco imaginativa, saíram pela ponta oposta em direcção à cantina nova. Em fila indiana, foram conduzidos pela ponte até à entrada do enorme edifício rectangular. Os picanços entre os cursos nunca cessaram.

— Bolas, nunca mais vamos comer! — reclamou Inês, já farta de esperar em frente à cantina.

Enquanto aguardavam, a imagem do diário de Liliana surgiu-lhe. Durante as aulas nunca conseguia pensar nisso muito tempo porque se esforçava para se concentrar nos estudos. Tinha a certeza de que iria encontrar algo interessante no seu interior, só precisava da chave. Se ao menos soubesse onde procurar. À falta de melhor, podia sempre forçar o mecanismo, mas preferia não o fazer.

Quase uma hora depois, entraram e puderam descontraír, porque a praxe estava interdita no interior. Contudo, não puderam falar à vontade porque os veteranos continuavam com eles. Tal como Inês, Mariana escolheu o prato vegetariano. À saída do almoço, foram conduzidos através da universidade em direcção à praça de lajes brancas em frente à Reitoria.

Um homem com os seus cinquenta anos, que identificaram como reitor, fez um pequeno discurso, tentando mostrar quão contente estava por ter tantos alunos a entrar na que considerava ser a melhor universidade do país. Mariana achou que a gratidão do reitor era pouca, tendo em conta o que pagava de propinas. Só de se lembrar do mito da existência de jardins suspensos no topo da Reitoria, ficava aborrecida com o mau uso que davam ao dinheiro.

Capítulo 10

Naquela tarde enublada, no fim do mês e com os exames intermédios à porta, as cinco amigas estavam instaladas na mesa do canto no Café da Universidade de Aveiro. Havia cadernos abertos sobre a mesa, contudo, as mentes estavam concentradas no Halloween.

— Eu gostava de ir a uma festa, mas é tudo tão caro — queixou-se Inês.

— Eu tenho o mesmo problema! E se fizéssemos a nossa própria festa? — propôs Rita, uma loira magricela.

— Se cada um comprasse a sua própria bebida no supermercado ou isso, íamos todos para algum sítio e celebrávamos lá — propôs Inês, entusiasmada.

— Fazíamos uma *BYOB party!* — exclamou Rita, quase saltando da cadeira.

— Uma quê? — interrompeu Mariana, metendo-se na conversa em que apenas estivera como espectadora.

— Uma festa de *bring your own bottle*. Tipo aquelas que os espanhóis fazem à noite na praia e chamam de *botellón* — esclareceu Inês, brincando com a chávena vazia de café.

Mariana franziu o sobrolho, álcool não era o seu tema favorito.

— Então, cada uma de nós traz uma garrafa do que quiser e juntamos tudo? — acrescentou Rita.

— Exacto! Vale tudo, desde cerveja ao vinho, passando pelo quentão e terminando nas coisas mais fortes — confirmou Inês.

— *Quentão?* — admirou-se Rita, cujo rabo de cavalo, animado pelo movimento brusco da cabeça, ia colidindo com a cara de Mariana.

— Sim, vinho aquecido com especiarias, bastante popular no Sul do Brasil.

— Oh, não conheço, tenho de experimentar!

— Isso parece ser altamente. E barato! — acrescentou Bela, uma falsa ruiva, com cabelos cortados um palmo transverso acima dos ombros.

— Claro que é! Eu só tenho ideias boas! — gabou-se Inês, encenando o seu gesto de tia de Cascais.

— A ideia não foi só tua, para além disso temos um problema — constatou Rita, fitando-as com os seus olhos azuis.

— Precisamos de um lugar para fazer a festa. Já faz muito frio para ser ao ar livre, não acham?

— O melhor é escolhermos a casa de alguém. O que dizem? — sugeriu Bela, afastando os cabelos da cara com cuidado, para não estragar a maquilhagem.

Mariana mudou de posição na cadeira, prevendo que iria sobrar para ela. A sua disposição para festas era nula e ainda estava doente devido à molha que apanhara no Grande Aluvião.

— Quem é que oferece a casa? — perguntou Inês, assumindo a liderança.

— Porque não ofereces tu, já que estás tão entusiasmada? — interveio Patrícia, a morena de cabelos encaracolados, que até àquele momento se mantivera em silêncio.

— Eu até gostava, mas uma das minhas colegas de apartamento é uma marrona. É tão agarrada aos livros que é capaz de querer estudar até na quarta à noite. É que ela nunca sai de casa e eu não quero arranjar *stresses*.

— Bah! Desculpas — gozou a morena de olhos verdes.

— Olha, já que estás a falar tanto, porque não ofereces tu a casa?

— Ah! Tens cá umas piadas, Inês! Sabes bem que sou de Esgueira e que ainda vivo com os cotas, se quiseres ir lá tu pedir-lhes, estás à vontade — provocou Patrícia, elevando as mãos.

— Deixa estar! Assim só sobram três possibilidades.

— Bela, quantas pessoas cabem na tua cozinha?

Mariana engoliu em seco. Não tinha nenhuma desculpa capaz de as demover. Tinha de arranjar uma maneira de lhes explicar que não queria uma data de desconhecidas em casa. Ainda menos que andassem a bisbilhotar o quarto da prima.

— Até gostava, a sério, mas tenho de ver primeiro. O que se passa é o seguinte, eu só aluguei um quarto minúsculo e tenho de partilhar a cozinha com mais quatro pessoas. Elas tanto podem achar piada como não...

— Esperem aí! A Mariana tem uma casa enorme só para ela. Só o salão que há no rés-do-chão dá para a festa e muito mais — revelou Inês, com um ar triunfante.

— Hey! Hey! Calma aí, a casa não é minha, é do meu tio!
— protestou, fulminando a amiga com o olhar.

— Quando foi a última vez que o teu tio lá foi? — ripostou Inês.

Deu-lhe um pontapé por baixo da mesa.

— Sei lá, talvez há uns quinze anos ou isso... — confessou, encolhendo os ombros.

— Então é preciso muito azar para ele aparecer logo no dia da festa.

— E mesmo que aparecesse, passávamos-lhe um copo para a mão, juntava-se à festa e ficava tudo bem! — brincou Rita, piscando-lhe o olho.

— Olhem que aquilo está tudo sujo! — insistiu, levantando a voz.

— Não faz mal, a gente limpa, nem que eu tenha de estragar o verniz das unhas! — ofereceu Bela, cerrando um punho.

— Ui, que ela está determinada! — gozou Patrícia.

— Mas olhem que aquilo é pó de quinze anos! Acreditem, eu sei por experiência, não vai ser nada fácil limpar.

— A gente amanha-se! — prometeu Inês.

— Amanham-se a limpar antes e depois! Eu não quero ter de limpar aquilo tudo sozinha no dia seguinte.

— Fica prometido! — antecipou-se Bela, levantando a mão direita com os dedos cruzados.

— Porreiro, quando começamos a limpar? — perguntou Patrícia, afastando o cabelo da frente dos olhos.

— Por mim, era já amanhã. O Halloween é daqui a dois dias e na quarta à tarde há sempre praxe. O que acham? — propôs Inês, virando-se para Mariana.

— Por mim, tudo bem — consentiu, ainda contrariada.

— Qual é o tamanho daquilo? — comentou Bela, num tom de voz tão forçado que Mariana adivinhou segundas intenções.

— Pelo que vi, deve ser do tamanho disto aqui — antecipou-se Inês, abarcando o CUA com um gesto.

— Wow, que espectáculo. Assim podemos convidar mais pessoal, certo? Uma festa só de mulheres é fixe, só que com alguns rapazes a coisa fica mais interessante. Eu gostava de convidar o Roberto...

— Então!? Calma aí! Ainda estamos a falar da minha casa! — reclamou Mariana, levantando a voz.

— Agora a casa já é tua? E nós estamos calmas, tu é que te estás a passar dos pirulitos — brincou a Patrícia, fazendo-lhe uma festa no ombro.

— Ainda estou para ver o que vai sair daqui! — protestou Mariana.

— Vai ser uma festa memorável! — prometeu Bela, passando a mão pelo ígneo cabelo.

— Vamos fazer assim, cada pessoa convida duas ou três pessoas no máximo para não haver muita confusão — sugeriu Inês, metendo uma mão no ombro de Mariana. — E para não a deixar enrascada, vamos todas lá na quinta de manhã limpar. O que dizem?

Para aborrecimento de Mariana, a sugestão foi aprovada por unanimidade. A conversa ficou por ali e, pouco depois, dirigiu-se a casa, encasacada para se proteger do vento frio. Assim que largou a sacola, pela primeira vez em dois meses, teve curiosidade e tempo para explorar o rés-do-chão. Agarrou no molho de chaves que lhe havia sido dado, do qual retirara as que usava no dia-a-dia, e desceu as escadas. Destrancou a porta que existia no fim dos degraus, passando para a parte

11 de Novembro de 1995

Querido pai,

Ontem, ao fim da tarde, na escola, celebrou-se o São Martinho com um grande magusto. O programa cultural começou com uma mini-encenação da lenda de São Martinho. É uma história muito bonita já nem me lembrava. A moral ensina-nos que há pessoas excepcionalmente boas, que deveriam servir de exemplo para todos, e que nenhum acto de bondade fica sem recompensa.

Tenho de te contar como ficou a decoração! O terraço ficou muito bonito com as velas que lá colocámos. Ao anoitecer e com elas todas acesas o ambiente ficou muito interessante. No centro, havia a fogueira, onde assaram as castanhas à maneira tradicional. Eu tive de esperar meia-hora na fila por meia dúzia de castanhas quentes, mas valeu bem a pena. O pai da Vanessa esteve lá a montar o aparato. Foi muito porreiro da parte dele arranjar tempo. Não foi o único, houve mais alguns pais e mães que também ajudaram.

Diverti-me muito com os meus amigos, até mesmo enquanto esperávamos pelas castanhas houve galhofa. São incríveis as maneiras que arranjam para passarmos o tempo. Com eles não há momentos mortos e aborrecidos. Quando acho que já não há possibilidade de fazerem algo mais parvo, eles conseguem sempre provar que estava enganada.

Não vais acreditar, mesmo com uma fila enorme, fartámo-nos de comer castanhas. Sobraram tantas que até trouxe algumas para casa e deixei-as em cima da mesa. Espero que tenhas gostado.

Por causa dos alunos mais novos, a festa não se prolongou até muito tarde. Às nove da noite já nos estavam a mandar embora.

Não me apetecia nada caminhar desde a escola até casa pelo escuro, por isso acabei por pedir boleia ao pai da Vanessa. Ele aceitou e deixou-me mesmo de frente a casa. Ele é muito simpático. Diverti-me muito e gostava que para o ano também fosses!

Beijinhos, Liliana

Veio à memória de Mariana uma festa que a sua turma de secundário realizara há um ano. Um dos cafés que mais estudantes atraía cedera-lhes o uso de uma das salas para que pudessem angariar fundos para a viagem de finalistas. Haviam espalhado esferovite esfarelado pelo chão e anunciado uma festa da espuma, por dois euros a entrada. O evento fora um sucesso, exceptuando o facto de Mariana ter passado o tempo todo sozinha. Fora no final dessa noite que decidira que não iria à tal viagem.

Apesar de não ter convidado ninguém, Mariana achou que a companhia das amigas iria ser suficiente. Também não conseguiu nomear alguém que quisesse realmente ter ali. Juntou-se a Inês, e as duas vampiras percorreram a festa, como boas anfitriãs, passando alguns momentos com cada grupinho. O número de pessoas na sala ultrapassava as vinte, ou seja, cada amiga tinha convidado mais do que um par. Observando de novo, achou que era o número certo de pessoas.

Por volta das onze, a porta da frente abriu-se e alguém entrou. Mariana virou-se, pensando tratar-se de um dos fumadores, constatando que o sujeito não estava vestido conforme as regras. Dirigia-se ao rapaz para o mandar embora quando estacou no meio da sala, reconhecendo-o. Era o Rui. Piscou os olhos, sem saber o que fazer.

— Olá, entra e junta-se à nossa festa — convidou Inês. Mariana fulminou a amiga com o olhar.

— Olá, se calhar é melhor não, nem sequer estou vestido como vocês. É que acabei de sair do trabalho. Vi que havia aqui festa e vim ver — desculpou-se, fingindo-se interessado nos cordões das sapatilhas.

— Oh, não te preocupes com isso que estás entre amigos. Anda, entra e serve-te com uma bebida... — encorajou-o Inês, chamando-o com um gesto.

Após um compasso de hesitação, ele avançou e deu um par de beijos a Mariana.

— Estás muito bonita — segredou-lhe ao ouvido, deixando-a corada.

— Não exageres... — pediu, sem coragem de o mandar embora.

Rui pegou num copo de plástico e serviu-se de vodka, preenchendo o resto com sumo de laranja. Mariana aproximou-se dele e encheu o seu com sumo.

— Não bebes? — duvidou, depois de dar um gole.

— Não, tive uma má experiência...

— De quem foi a ideia da festa? — perguntou, ignorando a resposta dela.

— Foi da Inês, a que te deu o meu número.

— Ah! — exclamou, olhando em volta como se procurasse a pessoa referida.

— Estou a ver que já estás ambientado. Diverte-te, sim?

— Virou-lhe as costas.

— Espera! O que é que foi? — interrompeu-a Rui, agarrando-lhe o ombro.

Virou-se, encarando-o chateada.

— Tu vens para aqui, dizes-me que gostas de mim e que estou bonita. Estás a acompanhar? — disparou em voz baixa.

— E depois comes à procura das minhas amigas? Olha, diverte-te...

— Espera aí! O que é que te deu?

— Não sei — confessou, caindo em si.

— Assim está melhor. Não ando atrás das tuas amigas, OK? — assegurou-lhe, olhando-a nos olhos.

— OK, já percebi — concedeu, desviando o olhar para o pavimento. — Desculpa.

— Não faz mal.

Houve um compasso de silêncio.

— Tem estado uma chuva... — retomou Rui.

A partir desse momento, a conversa desenrolou-se de um modo mais ligeiro. Ela descobriu que gostavam dos mesmos filmes e músicas. Apesar do sentido de humor dele ser um pouco parvo, percebeu que conversar com ele lhe dava um calor estranho. As outras tiveram a decência de os deixar sozinhos.

Mariana viu a festa ficar cada vez mais animada, deduzindo que fosse pelas inibições que o álcool ia levantando. Houve mesmo um beijo espontâneo entre um casal recém-formado. Quando se aproximou a meia-noite, os rumos das

— Mas agora isso é desculpa para tudo, incluindo a parvoíce crónica?

— Calma, calma — pediu Rui, levantando os braços.

— Não vêes que eu estou a brincar? — perguntou, depois de um longo suspiro.

— Eu já não sei de nada... — passou-lhe a mão pela face. — Já te disse que és muito bonita?

Mariana sorriu e corou ainda mais. Mesmo vinda de umas mãos fortes, a carícia era suave. Os olhos fecharam-se e os lábios encontraram-se, num beijo ternurento.

— Eu gosto tanto das tuas carícias — confessou, lançando-lhe um olhar de quem pede mais.

A mão dele cobriu a dela. Durante um momento, permaneceram assim, trocando olhares enamorados. Mariana interrompeu a corrente, bebendo um gole do seu sumo. A situação estava a tornar-se demasiado melosa.

— E agora? O que acontece connosco?

— Como assim? — inquiriu Rui, franzindo o sobrolho.

— Disse que sim, sem pensar muito, e agora queria perceber como imaginas que vai ser? O que esperas de mim? O que devo esperar de ti?

Fez-lhe uma festinha na face.

— Eu esperava descobrir isso contigo... Quero estar aqui para ti.

— E eu para ti.

— Por agora, acho que o mais importante é conhecermos-nos melhor — Apertou-lhe as mãos.

— Também acho — concordou, sentindo-se parva. Levou o copo à boca, para evitar falar demais. — Desculpa ter-te feito tantas exigências. Acho que estou um pouco insegura.

— Não faz mal, minha abelhinha! Eu compreendo...

— O que é que tu me chamaste? — interrompeu-o num tom mais elevado do que gostaria.

— *Minha abelhinha!* Não gostas?

— Onde é que foste desencantar essa?

Rui piscou os olhos.

— Não sei, ocorreu-me, não gostas? Se não quiseres eu não volto a repetir. Não quis fazer uma graçola, só quis ser carinhoso.

— Não acho que tenha nada a ver comigo...

— Desculpa — pediu com um fio de voz, passando a mão pela cara e baixando o olhar. — O que dizes de irmos dar uma volta ao jardim?

— Gostava muito, deixa-me só acabar o sumo — pediu, bebendo o resto da copada de uma vez.

Ele pagou a conta e saíram, de mãos dadas. O ar frio fê-la estremecer, mas o toque da mão dele aquecia-lhe a pele. Ainda sentia um nó no peito derivado da conversa, que a pouco e pouco se ia dissipando enquanto caminhavam lado a lado.

Sob o céu cinzento de Novembro, atravessaram parte da cidade. O vento soprava com vigor, mas não chovia. Do lado do conservatório, o parque estava fechado para obras, à excepção de um pequeno carreiro.

— Sabes o que aconteceu aqui? — perguntou-lhe Rui.

— Não.

— Fecharam um dos bares estudantis mais famosos da cidade, o *Drinks*, para construir uma ponte pedonal de que ninguém precisa. Só deixavam continuar se o convertessem num bar de luxo. O dono não aceitou porque teria de despedir pessoal. Achas isso normal?

— Não acredito.

— Podes acreditar que é verdade, foi uma grande polémica no ano passado.

— É com cada coisa. Porque é que as pessoas não se manifestaram?

— E achas que não o fizeram? Não valeu de nada, isto foi tudo um jogo de interesses e os pobres é que se tramam sempre...

— Tenho um namorado informado! — constatou, achando-o mais maduro.

Colados um ao outro, atravessaram na passadeira na direcção da outra metade do jardim.

— Isto aqui é bonito! — maravilhou-se, ao ver o lago.

— Bonita és tu!

— Tens de ter mais imaginação nos elogios que me dás!

— Ei!

— Ei, nada, não podes estar sempre a dizer a mesma coisa e esperar que isso chegue!

Num compasso de suspense, ele olhou-a sério. Não conseguiu conter-se muito tempo, desatando a rir pouco depois.

— Eu gosto do teu sentido de humor!

— Não era uma piada...

Seguiu-se um momento de silêncio pesado.

— Também não precisas de ficar casmurro, eu só estava a tentar ajudar.

Rui acariciou-lhe a mão e beijou-a no meio do caminho.

— A sorte é que sou muito melhor a beijar do que a dar elogios.

— Olha o convencido!

— Com muito gosto — retorquiu ele, abraçando-a.

Quando ele a beijou de novo, ela entreabriu ligeiramente a boca. Rui aceitou o convite, explorando-lhe os lábios enquanto lhe acariciava a face. De um modo brusco, ela interrompeu o beijo e olhou em volta.

— Vamos dar uma volta antes que os velhotes comecem a reclamar. — Estendeu-lhe a mão.

De mãos dadas, passearam à volta da lagoa até à ponte. Quiseram passar para o outro lado, mas pararam a meio. Ele agarrou-lhe as mãos com suavidade e aproximou-se. Mariana inspirou fundo e fechou os olhos, deixando que ele a beijasse.

— Acho que este foi o beijo mais romântico que já recebi.

— A sério? — duvidou Rui, franzindo as sobrancelhas.

— Parvo! Claro que é a sério, nunca tinha sido beijada numa ponte.

— Mas isso é fácil de repetir — prometeu, fazendo com que os lábios se encontrassem de um modo mais erótico e demorado.

Quando terminou, Mariana olhou-o espantada, sem saber se haveria de ficar chateada ou de pedir mais. Rui não lhe

deu tempo de decidir, abraçando-a com a mão um pouco mais abaixo. De imediato, ela afastou-lhe a mão. Separaram-se como se nada se tivesse passado, continuando de braço dado. Caminharam à volta do jardim e subiram a escadaria velha.

— Olha, tenho de ir.

— Fica mais um pouco — pedinchou Mariana.

— Eu gostava, só que tenho de fazer o turno do fim da tarde. Anda, eu acompanho-te a casa — ofereceu, forçando um sorriso.

Foram em silêncio até à porta do café. Fingiu que ia entrar sem se despedir. Num movimento brusco, voltou-se e deu-lhe um beijo descarado.

— Até logo, gosto muito de ti — segredou-lhe ele ao ouvido.

— Até logo, eu também gosto de ti.

Num impulso, abraçou-o, como se ele fosse para a guerra. Ele sorriu, beijou-a mais uma vez e entrou. Ela esperou um pouco antes de voltar costas e seguir para casa.

O primeiro encontro que tivera com o seu ex-namorado, há mais de um ano, veio-lhe a memória. Ele deixara-a à porta de casa e aproximara-se, beijando-a sem pedir autorização. No fim da noite, já entre os lençóis, sentira a mesma alegria indescritível. A partir daí, a relação só lhe dera dissabores. E se Rui fosse igual?

Será que Liliana também tivera um namorado? Será que conseguiria descobrir alguma coisa no diário? Entrou em casa, subiu a escada e rodou a maçaneta da porta do quarto rosa e entrou em passos curtos, tal qual uma intrusa. Já revistara todas as gavetas sem encontrar a chave. Também não estava na mala nem na carteira.

Olhou em volta, sem saber onde mais poderia procurar. O olhar focou-se pela primeira vez numa prateleira e no mealhinho branco em forma de gato que lá estava abandonado. Mariana pegou nele e sacudiu-lhe o pó. Num impulso, abriu-o e despejou o conteúdo sobre a cama.

Entre os antigos escudos e um franco francês, havia um par de chaves.

26 de Dezembro de 1995

Querido pai,

Foi muito bom termos passado este Natal só nós os dois!

No domingo de manhã, encontrei a árvore de plástico do ano passado e enfeitei-a. Eu sei que foi um bocado em cima da hora, mas não tive tempo de o fazer antes. Meti as luzes e descobri que nenhuma funcionava. Não consegui descobrir a razão, por isso voltei a guardá-las na caixa. Deves ter reparado que o presépio estava organizado de uma maneira um pouco estranha. Como não tinha nada verde para fazer de relva, meti as figuras em cima do tapete de entrada.

Passei a tarde toda de volta do forno a preparar o bacalhau. Não foi nada fácil, a sorte é que tinha a receita. Vi-me às avessas para conseguir fazer a aletria como a da avó. Não ficou tão boa como se fosse ela a fazer, mas acho que, para primeira vez, não me saí nada mal. Deu para comer e tenho a certeza de que para o ano vai correr melhor.

Tu vieste jantar um bocadinho tarde e eu sei que foi por teres de fechar o estabelecimento. Ficaste muito calado durante a refeição, deve ser por teres muito em que pensar, mas tens de aproveitar o Natal, porque é um dos poucos dias em que tens a loja fechada e não tens de te preocupar com nada.

Espero que tenhas gostado da minha prenda. Eu sei que foi uma simples agenda, mas com certeza que te vai ajudar a estar mais organizado. Eu fiquei surpreendida com a tua, pois estava à espera de algo diferente. Eu sei que foi muito generoso da tua parte os dez contos que te custaram muito a ganhar, só que preferia que tivesses mesmo comprado algo, mesmo que tivesse menos valor.

Foi aborrecido passar o dia de Natal sozinha enquanto tu foste para o escritório tratar da contabilidade. Não estava nada à espera. Às vezes, gostava de te poder ajudar, para não passar tanto tempo em frente à televisão. Talvez para o ano possamos ir a casa dos avós. Será que conseguias fechar a pastelaria por um ou dois dias? Eu reparei que tu nunca tiras férias e não sei como aguentas. Acho que precisas mesmo, se não for no Natal, pode ser noutra altura. Os pais

da Vanessa vão todos os anos, durante uma semana, ao Algarve. Não estou a dizer que temos de ir lá, porque eu acho que é muito caro, mas podíamos ir a outro lado. Por exemplo, podíamos ir ter com os avós. Teríamos alojamento e comida à pala. Também não precisa de ser uma semana inteira, pode ser um fim-de-semana alargado. Ou a meio da semana. De carro é super-rápido de lá chegar e podemos voltar às horas que quisermos. Eu sei que se ficares em casa vais acabar por trabalhar à mesma.

Mas claro, isto são só as minhas ideias de como gostava que as coisas fossem. Eu sei que nem sempre conheço ou entendo a realidade como ela é e que posso estar a pedir o impossível. Também sei que te esforças muito para me dar tudo e que não preciso de te ajudar como a Vanessa precisa de ajudar os pais. Também sei que estás a fazer isto tudo sozinho. Era só que gostava de passar mais tempo contigo, como ela passa com os pais. Podermos, de vez em quando, fazer coisas juntos. Espero que entendas e que não fiques chateado com o meu pedido.

Beijinhos, Liliana

21/09/1995

Estou muito confusa, ainda agora começaram as aulas e não consigo despregar os olhos de um dos rapazes da turma. Acho-o muito giro! Veste-se sempre com roupas bué de giras e é só um ano mais velho. Senta-se à minha frente, do lado direito. Gostava tanto que ele reparasse em mim, mas se calhar ele vai reparar antes numa das minhas amigas. Morria de inveja se isso acontecesse!

Ainda não sei como se chama, mas vou descobrir em breve!

(...)

22/09/1995

Não páro de olhar para ele durante as aulas. É impossível parar de pensar nele. Descobri hoje o nome: Miguel. Basta alguém pronunciar essa doce palavra perto de mim que eu fico logo da cor de um tomate. Cada vez que ele olha na minha direcção, o coração bate com mais força. Faz tanto barulho que me parece que toda a gente o pode ouvir. Sei que é parvo, mas não consigo evitar.

Agora não sei o que fazer para que ele repare em mim. Podia ir falar com ele, mas acho que morria de vergonha só de tentar. Se calhar até já reparou e finge que não se passa nada.

(...)

11/11/1995

O Miguel fez de cavaleiro no magusto. Era a melhor personagem que ele podia interpretar, já que tem características em comum: valentia e generosidade. Se ainda vivêssemos nos tempos dos contos de fadas, gostava que ele fosse o meu príncipe encantado.

(…)

01/12/1995

As raparigas repetentes irritantes apareceram na nossa festa de karaoke. Não sei quem as convidou, só sei que não gostei nada de que elas lá aparecessem. E mais, aposto que a Luciana se anda a atirar ao Bruno. O pior de tudo não é ele deixar, é parecer que até gosta. Basta ela insinuar-se um pouquinho para ele a seguir que nem um cãozinho. Mas o que é que se passará com ele? O pior é que nem namoram. Andar assim atrás de um rapaz mais novo, que nojo, até fico maldisposta só de imaginar. Isto é muito errado! Alguém tem de lhe meter juízo naquela cabeça. Tenho de falar com a Vanessa sobre isso para ver o que podemos fazer.

E por falar na Vanessa, acho que ela gosta mesmo do Nuno. Farta-se de olhar para ele. Ainda por cima, depois de ele ter uma conversa animada com a Nádia, a Vanessa ficou insuportável durante o resto da noite. Só podem ser ciúmes. Não sei como é que os rapazes não reparam nestas coisas. Se calhar até reparam, só que não se importam.

As surpresas da noite ainda não acabaram! Para além daquele dueto inesquecível, o Miguel fez um desvio para me vir acompanhar a casa. Claro que não o fez sozinho, viemos todos em grupo, e mesmo assim fez-me sentir especial. Não sei o que pensar, se calhar gosto mesmo muito dele. Não sei o que fazer! Se calhar devia contar à Vanessa. Ela sabe muito mais destes assuntos que eu!

22/12/1996

Ofereci uma pulseira da moda à Vanessa. Ela ficou muito contente. Eu sei que era mesmo o que ela queria, já andava há semanas a falar disso. Eu também gostei da prenda dela: uns brincos dourados de fantasia. Espero que sejamos sempre assim: as melhores amigas!

(…)

Capítulo 15

No sábado, a Mariana esperou pelo fim do almoço para abordar a mãe. Queria apanhá-la sozinha e desprevenida. A oportunidade surgiu assim que o pai saía para os biscates habituais e a avó fora descansar.

— Olha, lembras-te de falarmos da minha prima? — disparou Mariana, enquanto levantava a mesa.

— Sim... — confirmou, parando de esfregar o prato que tinha nas mãos e voltando-se para a filha.

— Bem, eu acho que ela tinha alguns problemas... — atirou, fingindo não registar a surpresa da mãe.

— Porque dizes isso, filha? — perguntou, num tom de súplica.

— Sabes, ela deixou uma espécie de diário que eu encontrei por acaso — simulou deixar escapar, enquanto deitava olho à reacção materna.

— A sério? O que é que lá dizia? — inquiriu, fixando o olhar na filha.

— Nada de concreto, mas fiquei a achar que ela podia ter alguns problemas... — afirmou de modo vago, olhando, por fim, para a mãe.

— Que tipo de problemas?

— Não sei, é difícil de dizer e também foi só a impressão com que fiquei. Estava à espera que me pudesses dizer alguma coisa...

— Ó filha, porque é que insistes neste assunto? Pensava que já tínhamos falado tudo o que havia para falar sobre isto...

— Ó mãe, não sei bem — confessou, encolhendo os ombros. — Desculpa, mas parece-me que há algo que não bate certo...

— Não estou a perceber... — Pousou o prato.

— As coisas que ela escreveu... não sei, parece que há algo mais que me está a escapar.

— Ó Mariana, filhinha, tens de deixar de pensar nisso — pediu-lhe, metendo-lhe a mão no ombro. — Já aconteceu há muitos anos e não vale a pena andares armada em detective. O que aconteceu deixou-nos muito tristes, só que o que passou, passou, não vale a pena desenterrar o passado. A tua prioridade deveriam ser os estudos. Tu bem sabes o sacrifício que fazemos para tu poderes estudar...

— Eu sei, mãe, desculpa... — cortou Mariana, adivinhando que não iria conseguir arrancar-lhe mais nada.

As desculpas foram aceites e a conversa morreu ali. Voltaram as duas à lide doméstica e Mariana não insistiu, fazendo com que passassem os minutos seguintes num silêncio agonizante. Quando terminaram, deu a desculpa de que precisava de estudar para se poder refugiar no quarto.

A música do rádio e as aulas em atraso ajudaram-na a passar o tempo. Assim que ouviu o caminhar arrastado no corredor, percebeu que a avó tinha terminado a sesta. Levantou-se num pulo e abriu a porta, acompanhando a idosa até à cozinha. O lanche das quatro, depois da sesta, nunca era esquecido pela septuagenária. Numa tentativa de adoçar a situação e facilitar a abordagem, fez a avó sentar-se, enquanto aquecia a água e colocava as bolachas Maria na mesa.

Face à antecipação de pôr o seu plano em prática, não comera quase nada ao almoço, de modo que decidiu fazer duas doses e acompanhar a anciã. Dissolveu o pó da cevada em duas chávenas e meteu uma em cada lugar, sentando-se em frente à anciã.

— Obrigada, Mariana — agradeceu-lhe, sorrindo.

— De nada, 'vó.

— Como estão a correr os estudos? — rematou ela, sem dar tempo para qualquer outra conversa.